

Papel dos Processos Empáticos no *Arousal* Sexual em resposta a vídeos de coerção sexual

Carolina Isabel Pereira de Araújo

M

2021



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Papel da Empatia na *Arousal* Sexual em Situações de Consentimento
e Não Consentimento em homens heterossexuais

Carolina Isabel Pereira de Araújo

Outubro, 2021

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia,
área de Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade
do Porto, orientada pela Professora Doutora Mariana Carrito (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

À Prof^a Mariana Carrito, por ter aceite orientar este estudo e por ser sempre paciente e sincera nas suas orientações, pela confiança depositada no meu trabalho e paciência em cada etapa ao longo destes quase dois anos.

Aos Professores da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica que acompanharam o início desta caminhada académica e que deixaram em mim a semente de querer sempre saber mais.

À Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Porto por todos os ensinamentos que me deu ao longo do meu percurso académico e que foi a volta de cento e oitenta graus que precisei em 2017.

A todos os participantes do estudo, pela confiança entregue e tempo despendido. Sem vocês, não teria sido possível.

À AEFPCUP e todos os seus membros com quem me cruzei ao longo destes últimos 3 anos. Obrigada a todos vocês pelo exemplo, compreensão e animação constante mesmo nos momentos mais adversos.

Aos meus rebentos da V.O.U., por ouvirem cada desabafo e serem tantas vezes a gargalhada que precisava.

Ao Agrupamento 453, por me terem visto crescer e apoiarem cada etapa e conquista como se fosse uma deles. Por deixarmos o mundo melhor do que o encontramos.

À Carla, á Tânia e Cristina. Obrigada por desde 2016 fazerem parte deste caminho e acreditarem nas minhas competências. Obrigada por todos os verões e férias me deixarem entrar no vosso mundo e juntas tornarmos os dias de tantos outros melhores.

À Beatriz, pelo trabalho de equipa e companhia ao longo destes últimos dois anos. Pela paciência e pelo caminho percorrido juntas.

Ao Diogo, Bruna e Filipa, verdadeiros *sneks*. Por me terem recebido como se fosse uma deles e estarem sempre presentes. Pelas gargalhadas fáceis e aventuras que levaremos para sempre connosco.

À Rocky, a minha mana, por ser a minha fortuna e a voz doce, mas sensata que chama à razão. Obrigada por me aceites tal como sou, seres uma das amigas mais bonitas que o curso me trouxe, e o abraço que tantas vezes preciso.

À Joana, a maior surpresa do último ano. Obrigada pela bonita amizade que construímos pouco a pouco e por seres sempre a palavra certa na hora certa. Obrigada por sentires os meus problemas como teus. És o coração mais bonito, a n j a.

À Raquel, por mesmo longe estar sempre perto, ter sido peça essencial ao longo dos últimos 7 anos e tantas vezes a companhia que nem sabia necessitar. Por me compreender sem eu ter de falar. Obrigada por me mostrares que amizade pode ser algo tão real e descomplicado.

À Beatriz, a Rose, o primeiro amor de estudante. Por tantas vezes ter sido Porto de abrigo e juntas termos vivido tanto. Obrigada pela amizade incondicional, por todos os abraços lavados em lágrimas, todas as gargalhas e todas as noitadas (não só as de estudo). Um dia, escrevemos um livro.

À minha família. Á Tia Gracinha por todo o apoio e carinho e ser sempre a palavra incentivadora. Ao Tio Carlos e Tia Cristina por quererem sempre saber mais. Á Madrinha e Padrinho por tudo o que fizeram por mim. Obrigada por vibrarem com cada conquista minha.

Ao Diogo, por literalmente, ter feito este estudo avançar. Obrigada por toda a paciência em ensinar-me e ouvir-me como só tu sabes. Obrigada por nunca me deixares desistir e seres o primeiro a dizer “tu consegues”. Nunca conseguirei agradecer tudo o que fazes e o tanto que és. “No fim vai valer a pena, vais ver”.

Aos meus irmãos, Guida e Ruca por toda a leveza que trazem à minha vida. Por serem para sempre os meus “pequenos” e serem tantas vezes a minha motivação para ser melhor.

Aos meus pais pelo amor incondicional, paciência, carinho, e por me apoiarem sem questionar em cada etapa. Obrigada por serem o meu maior exemplo, e por muito longe que eu esteja, serem sempre a *casa* onde quero voltar.

Por fim, dedico esta Dissertação aos meus avós. Á avó Quina, ao avô Mingos, ao avô Zé e á avó Tina. Por toda a força que sempre tiveram. Por serem as estrelas guia e que mesmo estando sozinha, nunca me fazerem sentir só. Espero que estejam orgulhosos.

Resumo

A empatia é um processo comum a todos nós através do qual conseguimos inferir e compreender o estado do outro. Este termo, empatia, pressupõe diferentes componentes na sua génese: uma componente emocional onde há uma irradiação em nós daquilo que o outro sente, uma componente cognitiva que passa pelo reconhecimento e compreensão da perspetiva do outro e uma terceira componente, a compaixão, onde se presume que tendemos a agir da forma pró-social quando confrontados com certos estímulos. Neste estudo foi avaliado também o *Arousal* Sexual. Este define-se como um estado geral, impulsionado através de estímulos internos e externos. A junção dos mesmos permite aos indivíduos encontrar-se num estado sexualmente *aroused* e definir-se como excitados.

Através de um Questionário Sociodemográfico e da aplicação da rotina experimental EmpaToM, 32 participantes do sexo masculino, entre os 18 e os 31 anos e de orientação heterossexual foram expostos a vídeos com conteúdo sexualmente explícito que retratavam interações de diferentes valências. Tínhamos então, uma interação consensual onde a atriz demonstrava sentir prazer, uma interação consensual onde a atriz do vídeo se mostrava com uma postura apática/neutra e uma terceira interação, que retratava um ato sexual não consentido e por isso com uma valência negativa. Após a visualização de cada vídeo foram realizadas uma série de perguntas que permitiam avaliar a empatia afetiva, Teoria da Mente e Compaixão, bem como o *Arousal* sexual que o participante estaria a sentir. O objetivo foi o de avaliar os valores da empatia demonstrados mediante a valência dos vídeos e averiguar se existe algum tipo de influência da empatia no *arousal* sexual sentido.

Os resultados mostram que a valência dos vídeos vai influenciar as respostas dos participantes no sentido em que a valência positiva está associada a um maior *arousal* sexual, evidenciando a importância dos estímulos para o estado *aroused*. De realçar que para a empatia afetiva, esta teve uma maior expressão nos participantes quando o vídeo demonstrado tinha uma valência negativa. Para esta foi também encontrada uma correlação positiva entre a mesma e o *arousal* sexual. No que diz respeito à Teoria da Mente, na sua grande maioria os participantes reconheceram as emoções pela atriz demonstradas. Já na compaixão vemos que esta aumenta conforme a valência dos vídeos se torna negativa.

Palavras-chave: Empatia; Teoria da Mente; Compaixão; *Arousal* Sexual.

Abstract

Empathy is a process common to all of us through which we manage to infer and understand the state of the other person. This term, empathy, presupposes different components in its genesis: an emotional component where there is an irradiation in us of what the other person feels, a cognitive component which involves the recognition and understanding of the other person's perspective and a third component, compassion, where it is presumed that we tend to act in a pro-social manner when faced with certain stimuli. In this study the Sexual *Arousal* was also evaluated. This is defined as a general state, driven through internal and external stimuli. The combination of these allows individuals to be in a sexually aroused state and to define themselves as aroused.

Through a Sociodemographic Questionnaire and the application of the EmpaToM experimental routine, 32 male participants, aged between 18 and 31 years old and of heterosexual orientation were exposed to videos with sexually explicit content that depicted interactions of different valence. We had then, a consensual interaction where the actress showed pleasure, a consensual interaction where the actress in the video showed herself with an apathetic/neutral posture and a third interaction, which portrayed a non-consensual sexual act and therefore with a negative valence. After viewing each video a series of questions were asked to assess the affective empathy, Theory of Mind and Compassion, as well as the sexual *Arousal* the participant would be experiencing. The objective was to evaluate the values of empathy demonstrated by means of the valence of the videos and to ascertain if there is any type of influence of empathy on the sexual *arousal* felt.

The results show that the valence of the videos will influence the responses of the participants in the sense that the positive valence is associated to a greater sexual *arousal*, demonstrating the importance of stimuli for the aroused state. It should be highlighted that affective empathy had a greater expression in the participants when the video shown had a negative valence. A positive correlation was also found between this and sexual *arousal*. As far as Theory of Mind is concerned, in the great majority of participants recognised the emotions demonstrated by the actress. On the other hand, we can see that compassion increases as the valence of the videos becomes negative.

Keywords: Empathy; Theory of Mind; Compassion; Sexual *Arousal*.

Résumé

L'empathie est un processus commun à tous, grâce auquel nous parvenons à déduire et à comprendre l'état de l'autre personne. Ce terme, l'empathie, présuppose différentes composantes dans sa genèse : une composante émotionnelle où il y a une irradiation en nous de ce que l'autre personne ressent, une composante cognitive qui implique la reconnaissance et la compréhension de la perspective de l'autre personne et une troisième composante, la compassion, où l'on présume que nous avons tendance à agir de manière pro-sociale face à certains stimuli. Dans cette étude, l'excitation sexuelle a également été évaluée. Il s'agit d'un état général, déterminé par des stimuli internes et externes. La combinaison de ces éléments permet aux individus d'être dans un état d'excitation sexuelle et de se définir comme étant excités.

Grâce à un questionnaire sociodémographique et à l'application de la routine expérimentale EmpaToM, 32 participants masculins, âgés de 18 à 31 ans et d'orientation hétérosexuelle, ont été exposés à des vidéos au contenu sexuellement explicite représentant des interactions de valence différente. Nous avons donc, une interaction consensuelle où l'actrice montrait du plaisir, une interaction consensuelle où l'actrice dans la vidéo se montrait avec une posture apathique/neutre et une troisième interaction, qui représentait un acte sexuel non consensuel et donc avec une valence négative. Après le visionnage de chaque vidéo, une série de questions ont été posées pour évaluer l'empathie affective, la théorie de l'esprit et la compassion, ainsi que l'excitation sexuelle que le participant aurait ressentie. L'objectif était d'évaluer les valeurs d'empathie démontrées au moyen de la valence des vidéos et de vérifier s'il existe un type d'influence de l'empathie sur l'excitation sexuelle ressentie. Les résultats montrent que la valence des vidéos influence les réponses des participants dans le sens où la valence positive est associée à une plus grande excitation sexuelle, démontrant l'importance des stimuli pour l'état d'excitation. Il convient de souligner que l'empathie affective s'est davantage exprimée chez les participants lorsque la vidéo présentée avait une valence négative. Une corrélation positive a également été trouvée entre ce facteur et l'excitation sexuelle. En ce qui concerne la théorie de l'esprit, la grande majorité des participants ont reconnu les émotions manifestées par l'actrice. D'autre part, nous pouvons constater que la compassion augmente lorsque la valence des vidéos devient négative.

Mots clés : Empathie ; Théorie de l'esprit ; Compassion ; Excitation sexuelle.

Índice

1. Introdução	1
2. Enquadramento Teórico	2
2.1 Empatia Afetiva, Cognitiva (TdM) e Compaixão.....	2
2.2 <i>Arousal</i> sexual	4
3. Metodologia.....	8
3.1 Participantes.....	8
3.2 Procedimentos.....	9
3.3 Questionário Sociodemográfico	9
3.4 EmpaToM.....	10
4. Análise de Resultados.....	15
4.1 Estatística Inferencial: Anova para medidas repetidas	15
4.1.1 Medição do <i>Arousal</i> Sexual.....	16
4.1.2 Medição da Compaixão.....	17
4.1.3 Medição da Teoria da Mente.....	18
4.1.4 Empatia afetiva * Sexual <i>Arousal</i>	19
4.2 Correlações	20
4.2.2 Atratividade * <i>Arousal</i> Sexual.....	23
4.2.3 Atratividade * Empatia Afetiva.....	23
4.2.4 Atratividade * Idade	23
Discussão e Conclusões	24
4.3 Limitações.....	27
4.4 Potencialidades	28
5. Referências Bibliográficas	29

6. Anexos.....	32
-----------------------	-----------

Lista de Figuras

Figura 1- Desenho Experimental (EmpaToM adaptado)	11
--	----

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Síntese das variáveis do Estudo	13
Tabela 2 - Valores Empatia afetiva sentida em relação à valência do vídeo reproduzido (1-Interação Consensual; 2- Interação Neutra; 3- Interação Coerciva).....	15
Tabela 3 - Diferenças na Empatia afetiva sentida em relação ao vídeo reproduzido (1-Interação Consensual; 2- Interação Neutra; 3- Interação Coerciva).....	16
Tabela 4 - Medição do <i>Arousal</i> Sexual sentido em relação ao vídeo reproduzido (1-Interação Consensual; 2- Interação Neutra; 3- Interação Coerciva).....	16
Tabela 5 - Diferenças no <i>Arousal</i> Sexual em relação ao vídeo reproduzido (1-Interação Consensual; 2- Interação Neutra; 3- Interação Coerciva).....	17
Tabela 6 - Medição da Compaixão sentida em relação ao vídeo reproduzido (1-Interação Consensual; 2- Interação Neutra; 3- Interação Coerciva).....	17
Tabela 7 - Diferenças na Compaixão sentida em relação ao vídeo reproduzido (1-Interação Consensual; 2- Interação Neutra; 3- Interação Coerciva).....	18
Tabela 8 - Tabela de frequências TdM (“A pessoa que apareceu no filme anterior...”) para o vídeo um- Condição de Interação Consensual.....	18
Tabela 9 - Tabela de frequências TdM (“A pessoa que apareceu no filme anterior...”) para o vídeo dois- Condição de Interação Neutra.....	18
Tabela 10 - Tabela de frequências TdM – (“A pessoa que apareceu no filme anterior...”) para o vídeo três- Condição de Coerção.	19
Tabela 11 - Tabela de diferença nas Médias mediante o tipo de resposta (Empatia Afetiva * Sexual <i>Arousal</i>) em cada vídeo (1-Interação Consensual; 2- Interação Neutra; 3-Interação Coerciva).....	19

Tabela 12 - Correlação de <i>Pearson</i> . (1-Interação Consensual; 2- Interação Neutra; 3- Interação Coerciva).....	22
---	----

1. Introdução

Enquanto humanos, não conseguimos claramente perceber os sentimentos e pensamentos do outro, e por isso procuramos nas nossas próprias experiências e vivências ferramentas para o conseguirmos fazer. Para que tal aconteça são necessários que dois processos complementares ocorram: a Empatia e Teoria da Mente (TdM) (Weiblen et al., 2021).

Desde há muito tempo que a empatia tem vindo a ser estudada em fenómenos de agressão sexual em simultâneo com o *Arousal* sexual sentido por indivíduos com e sem historial de agressões sexuais. Rice et al. (1994) diz que indivíduos com uma maior propensão para a agressão sexual acabam por sentir uma menor empatia para com a vítima quando deparados com estímulos relativos a não consentimento. No estudo de Craig et al. (2017), este, evidencia que a violência e pistas de não consentimento induzem estados de afeto negativo em alguns sujeitos, acabando por influenciar o nível de *Arousal* sexual por eles sentido.

Para Preckel et al. (2018), enquanto espécies sociais, os seres humanos são constantemente desafiados a processar estímulos sociais que recebem por parte de outros. Esta troca de estímulos cria interações que são suportadas por capacidades sócio-afetivas e sócio-cognitivas tais como a empatia, compaixão e Teoria da Mente (TdM).

2. Enquadramento Teórico

2.1 Empatia Afetiva, Cognitiva (TdM) e Compaixão

Empatia pode ser definida, segundo Engen & Singer (2013), como o processo em que um indivíduo, através da percepção do estado afetivo, mental, expressões faciais e posturas de outra pessoa, consegue criar esse estado nele mesmo, quer seja positivo ou negativo (Preckel et al., 2018). Ainda assim, apesar deste aparente contágio, reconhece que a origem e causa deste estado afetivo está no outro (Preckel et al., 2018), e que, segundo Bernhardt & Singer (2012), vai permitir prever e compreender não só os comportamentos do outro como também os seus sentimentos e motivações, e agir de acordo com eles, demonstrando aqui o seu valor adaptativo.

Dentro da empatia, esta pode ser dividida entre empatia cognitiva e afetiva. A primeira é vista por (Hogan, 1969) como uma habilidade cognitiva através da qual se consegue perceber a emoção presente no outro sem que nos deixemos contagiar por ela. A esta, está associada a Teoria da Mente (TdM), isto é, a capacidade de perceber intenções, sentimentos, crenças e desejos de outra pessoa, de modo a que seja mais fácil prever e explicar o seu comportamento (Demers & Koven, 2015). Pressupõe que a pessoa tem a perspetiva do que está acontecer com o outro através da projeção dela mesma para essa situação inferindo assim acerca dos seus pensamentos e emoções no contexto em que ocorrem e de como seria a sua própria experiência pessoal naquela situação (Weiblen et al., 2021).

No que concerne à empatia afetiva, para Zaki & Ochsner (2012) esta é caracterizada por ser um traço afetivo onde, não só há o reconhecimento, como também há a capacidade de experienciar as emoções pelo outro demonstradas, havendo, por isso, um contágio destas.

Ainda no domínio afetivo encontramos a compaixão, que se refere a um estado emocional e/ou motivacional caracterizado por amor, bondade e um desejo profundo de bem-estar ao outro que está a sofrer (Preckel et al., 2018). Stevens & Taber (2021), chegam a definir a compaixão como uma emoção independente da empatia afetiva e próxima da tristeza,

com a particularidade de ser uma emoção com uma propensão para a ação, a de melhorar o estado do outro. Este sentimento acaba por criar uma resposta de necessidade de alívio do sofrimento e motivação para o fazer, mas não necessariamente o contágio desse sofrimento (Preckel et al., 2018), enquanto que num processo empático (por exemplo num contacto com alguém triste) haveria contágio desse mesmo sentimento de tristeza (Bernhardt & Singer, 2012).

Ainda assim, apesar do valor adaptativo atrás referido, a experiência de empatia não é transversal a todos os indivíduos nem experienciada em todas as interações sociais. No estudo de Engen & Singer (2013) é dito que frequentemente, apesar do confronto com sofrimento de terceiros, isso não nos afeta enquanto indivíduos por diferentes motivos. Esses motivos passam por: não se sentir motivação de despender atenção a essa situação, escolher ignorar essa motivação, ou até, a falta de capacidade de experienciar os sentimentos do outro devido às próprias crenças sobre estes. Os autores referem ainda que a ressonância empática não se trata de uma resposta automática que se deixa influenciar pelos sentimentos de quem rodeia os indivíduos, mas que é algo dependente de vários fatores. Estes fatores podem ser características individuais enquanto sujeito que vai criar empatia, como do objeto alvo da empatia, contexto social de ambos, das crenças e características individuais quando confrontados com emoção de outros.

No caso específico da empatia relacionada com a dor e sofrimento, é possível ver que esta é geralmente aversiva, impulsionando respostas comportamentais que reduzem a estimulação a que se está exposto (Price, 2000). Além disso, o facto de ver alguém que esteja a sofrer ou que experencia naquele momento uma sensação menos positiva, pode suscitar em quem assiste, além de uma necessidade de ter um comportamento de ajuda (Hein et al., 2010), sentimentos de desprazer ou até sentimentos que retratam dor.

A partilha de estados afetivos com o outro (empatia), a compaixão onde se sente preocupação pelo outro e ainda a TdM onde inferimos acerca do estado mental do outro são independentes entre si a nível neuronal, conceptual e comportamental (Preckel et al., 2018).

2.2 *Arousal* sexual

O *Arousal* sexual surge como um estado emocional que é impulsionado por estímulos, quer internos quer externos, e que pode ser inferido por respostas experienciais (centrais), genitais (periféricas) e ainda tendências de ação e expressões motoras (comportamentais) (Janssen, 2011).

Sem que estas suas dimensões, acima referidas, sejam sentidas simultaneamente, uma interação sexual que ocorra não pode ser considerada eficaz e, por isso, quando pretendemos avaliar o *Arousal* sexual todas elas devem ser tidas em conta.

O *Arousal* sexual pode ser avaliado não só através de medidas objetivas, mas também subjetivas. Por isso, segundo Janssen (2011), se procurarmos uma definição de *Arousal* sexual, esta deve contemplar quer questões genitais quer questões experienciais ainda que cada vez mais se debata a independência entre estes indicadores quando pretendemos descrever um estado *aroused*. Apesar de grande parte dos indivíduos conseguirem experienciar *Arousal* sexual genital simultaneamente a um *Arousal* subjetivo, nem sempre estes dois surgem em conjunto (Chivers et al., 2010). Nesta dissertação, uma vez que se trabalhou com população masculina, é de destacar um estudo de Janssen et al. (2008) onde homens que obtiveram ereções enquanto viam filmes que reproduziam violações relataram não sentir qualquer tipo de *Arousal* subjetivo. Em contraste, alguns homens relatam que em idas a *strip clubs* sentiram um *Arousal* subjetivo, mas não obtiveram ereção.

Posto isto, é seguro afirmar que o *Arousal* sexual é um construto que envolve na sua composição diferentes fatores como por exemplo motivação e desejo sexual (Jenssen, 2011). Desta forma, verificamos a veracidade da afirmação por Craig et al. (2017) que nos diz que a violência e pistas de não consentimento podem afetar indivíduos, e por isso influenciar o nível de *Arousal* sexual que por estes é sentido quando expostos a esses estímulos.

Na sua forma subjetiva, o *Arousal* sexual surge em forma de um desejo sexual sentido por um indivíduo e sofre influência de tudo aquilo que o rodeia, bem como o processamento dessa mesma informação (Janssen et al., 2000).

Embora não haja muita informação acerca da relação direta entre empatia e *arousal* sexual, ela tem sido muito estudada no caso específico de agressores de vários tipos, em especial agressores sexuais.

À falta de empatia, isto é, à incapacidade de reconhecer os estados presentes na outra pessoa, está associado o acompanhamento de um maior *Arousal* sexual. Tal não acontece com pessoas sem qualquer historial de agressões sexuais, como visto no estudo de Craig et al. (2017). Neste, verificou-se que indivíduos com historial de agressões reportaram um maior valor de *Arousal* sexual, quer objetivo quer subjetivo, em casos que reproduziam relações de não consentimento. O contrário foi encontrado em indivíduos com valores mais altos de empatia e que por sua vez relataram menores valores de *Arousal* sexual.

Uma das explicações para esta descoberta passa pelo achado de que a *arousal* é inibida pelos sentimentos demonstrados pela mulher, quando esta é humilhada ou magoada, para aqueles sem qualquer historial ou propensão para a agressão sexual. A compreensão de sinais de não consentimento, ao longo da relação sexual a que estes indivíduos assistem, pode ser vista como empatia, uma componente crucial à nossa experiência emocional enquanto seres humanos (Bernhardt & Singer, 2012).

Tal não acontece para os agressores sexuais onde esta *arousal* não é inibida (Barbaree, Marshall, & Lanthier, 1979; Quinsey, 1984 *cit in* Rice et al., 1994). Isto vai ao encontro da ideia de que os agressores creem que as mulheres gostam de ser agredidas sexualmente, um mito perpetuado desde há muito tempo em muitos filmes pornográficos, como já analisado em vários artigos ao longo dos anos (Malamuth & Check, 1980, 1983; Malamuth, Heim, & Feshbach, 1980; Quinsey & Chaplin, 1984 *cit in* Rice et al., 1994). Tal também explica o facto de que, nos estudos em que se apresentam estímulos que não relatam sofrimento, não se obtêm diferenças significativas nas respostas de agressores sexuais e não agressores sexuais (Blader & Marshal, 1989; Langevin et al., 1985; Murphy, Krisak, Dtalgaits, & Anderson, 1984 *cit in* Rice et al., 1994). A maior diferença pode então estar no facto de os agressores sexuais não sentirem empatia com as suas vítimas, isto é, violação é um ato cometido por alguém que se demonstra indiferente aos aspetos físicos e psicológicos de sofrimento das vítimas (Rice et al., 1994).

Investigação realizada sobre empatia e conduta moral tem sugerido que a empatia está positivamente correlacionada com comportamento pró-social, e a empatia foi verificada como inibidora de agressão e comportamento antissocial (Jolliffe & Farrington, 2006). Com o avançar dos anos vemos no estudo de Lim & Desteno (2016) que apesar de haver uma relação entre a empatia e o comportamento pró-social esta não é totalmente linear e conta com um mediador: a compaixão. Por outras palavras, o reconhecer no outro as emoções negativas e contagiar-me por elas (empatia afetiva) leva à compaixão e é a compaixão que incentiva o comportamento pro-social.

Os objetivos deste estudo passam assim pela intenção de, em primeiro lugar, aumentar o conhecimento e informação existente neste tópico; estabelecer uma relação mais clara entre o grau de empatia e *Arousal* sexual em situações de consentimento e de não consentimento; e, por último, explorar a independência entre conceitos avaliados tais como o *Arousal* sexual subjetivo, a empatia cognitiva, Teoria da Mente e Compaixão.

Chegamos por isso à questão de investigação desta dissertação: Será que mediante estímulos de consentimento e não consentimento, a empatia sentida tem influência no *Arousal* sexual? Quanto às hipóteses de estudo, antevê-se que indivíduos com um maior nível de empatia apresentem um menor nível de *Arousal* sexual. Pelo contrário, espera-se também que um nível mais baixo de empatia corresponda a um maior nível de *Arousal* sexual. Posto isto, as hipóteses foram agrupadas mediante aquilo que relacionam. Naquelas que contemplam a Empatia e o *Arousal* Sexual, onde, segundo a literatura encontrada, estímulos de não consentimento e a sua compreensão influenciarão o nível de empatia sentido e consequentemente o nível de *Arousal* sexual sentido (Craig et al., 2017) e tendo também em mente o estudo de Janssen et al. (2008), onde indivíduos perante estímulos de não consentimento apresentaram discrepâncias no *Arousal* sexual sentido, podemos antever que:

H1: Em filmes que retratem um não consentimento com valência negativa, haverá uma maior empatia e consequentemente um menor *Arousal* sexual;

H2: Em filmes que retratem uma consensualidade com valência neutra, não haverá influência da empatia sentida no *Arousal* sexual;

H3: Em filmes que retratem uma consensualidade com valência positiva, haverá um maior nível de empatia e um *Arousal* sexual mais alto;

H4: Em filmes que retratem um não consentimento com valência negativa, haverá um menor *Arousal* sexual subjetivo;

H5: Em filmes que retratam uma valência neutra e positiva, não haverá diferenças significativas no *Arousal* sexual subjetivo;

Já para a Empatia Afetiva, Cognitiva e Compaixão e, segundo Hein et al. (2010), onde em casos de exposição a estímulos que retratem dor e sofrimento, é suscitado em quem assiste vontade de aliviar essa mesma dor, evidenciando a componente afetiva e compaixão (necessidade de aliviar quem sofre), podemos esperar que:

H6: Em filmes que retratem um não consentimento com valência negativa, haverá diferenças significativas na empatia afetiva e compaixão em relação aqueles com uma valência positiva e neutra.

H7: Em filmes que retratem um consentimento com valência neutra e positiva não haverá diferenças significativas em relação à empatia afetiva e compaixão quando comparados com filmes com valência negativa.

3. Metodologia

3.1 Participantes

Os participantes foram recolhidos principalmente através de pedidos de colaboração nas redes sociais, utilizando um cartaz onde eram descritas as condições de participação bem como forma de agendar a experiência (Anexo A). Recorreu-se também ao “efeito de bola de neve” uma vez que seria o meio mais fácil de ir de encontro à amostra que pretendíamos. Paralelamente a este pedido nas redes socais foram enviados também emails com uma descrição do estudo e pedido de divulgação do mesmo para Associações de Estudantes de vários pontos do país para obter uma amostra diversificada e mais completa. Inicialmente esta divulgação ocorreria também através da afixação de cartazes em locais estratégicos tais como Faculdades, mas o mesmo não se mostrou relevante no recrutamento de participantes uma vez que devido à Pandemia e suspensão da atividade letiva presencial causada pela mesma não havia afluência a estes espaços.

Após a divulgação do estudo e recolha de possíveis participantes foi possível obter a amostra de 32 participantes. Todos eles se enquadravam nos pré-requisitos definidos: género masculino, orientação heterossexual, e idade compreendida entre os 18 e os 31 anos ($M= 24,56$; $DP=3,292$). Destes 33 participantes recolhidos, apenas foram considerados 32 para análise de dados uma vez que um dos participantes tomava antidepressivos e há evidências de estes poderem ter efeitos na *arousal* sexual sentida uma vez que esta medicação poderia influenciar valores do *arousal* sexual.

No que diz respeito às habilitações literárias, 68,8% ($n= 21$) da amostra tinha como habilitações o Ensino Superior, 28,1% ($n=9$) o Ensino Secundário e 3,1% ($n= 1$) o Ensino Profissional. De salientar ainda que grande parte da amostra é composta por estudantes (40,6%, $n=13$), sendo que 34,4% ($n=11$) estavam empregados, 15,6% ($n=5$) eram trabalhadores-estudantes e 9,4% ($n=3$) se encontravam em situação de desemprego. Ainda, de salientar que na amostra recolhida, 12,9%, ou seja, 4 participantes consumiam Cannabis face aos outros 27 participantes (87,1%) que referiram não consumir qualquer tipo de droga.

3.2 Procedimentos

Para este estudo foram utilizados dois meios de recolha de dados. Um deles, através do Google Forms consistia num questionário sociodemográfico que permitiu recolha de dados que permitiam uma caracterização da amostra.

Foi também criada através da Plataforma *Psychopy3* a experiência que continha o Paradigma experimental EmpaToM adaptado. Depois da rotina experimental ter sido criada na plataforma a mesma foi transferida para uma outra, *Pavlovía* que permitia a partilha da mesma através de um link para que a experiência pudesse ser realizada pelos participantes remotamente.

A recolha de dados decorreu de forma online, através da plataforma ZOOM onde tanto a experimentadora como o participante estavam constantemente em chamada, e baseado num guião era realizada a experiência. Este guião encontra-se disponível nos anexos (Anexo B).

De ressaltar que toda a experiência contou com o parecer favorável da Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

3.3 Questionário Sociodemográfico

Para a realização da experiência foi necessária a criação de um questionário sociodemográfico de modo a recolher dados sociodemográficos e outros dados considerados relevantes para a caracterização dos participantes deste estudo. Contudo, antes da recolha de dados, era apresentado aos participantes o consentimento informado informando-os acerca de diversos aspetos. Era-lhes primeiro descrito o objetivo geral do estudo, seguido de informação relativa à confidencialidade dos dados recolhidos e anonimato da identidade dos participantes. Eram ainda alertados para os possíveis riscos e danos que poderiam resultar da sua participação no estudo uma vez que havia a reprodução de conteúdo sexualmente explícito (disponível no Anexo C).

Após esta componente informativa, era pedido aos participantes que criassem o seu código de participante. Este era um código composto por seis dígitos e era criado pelo participante de modo que o seu anonimato ficasse garantido aquando do tratamento dos dados. Este código permitiu assim a junção dos dados referentes ao questionário sociodemográfico, mas também dos dados recolhidos no EmpaTom. Foram ainda incluídos na construção do questionário dados relativos aos participantes tais como: idade, nacionalidade, género, orientação sexual, estado civil, habilitações literárias, ocupação, presença de doenças físicas, mentais e sexuais, toma de medicação e consumo de substâncias.

Após estes, eram apresentados aos participantes três instrumentos que pretendiam de alguma forma avaliar a propensão destes para comportamentos sexualmente agressivos, que integram uma outra dissertação de uma colega.

3.4 EmpaToM

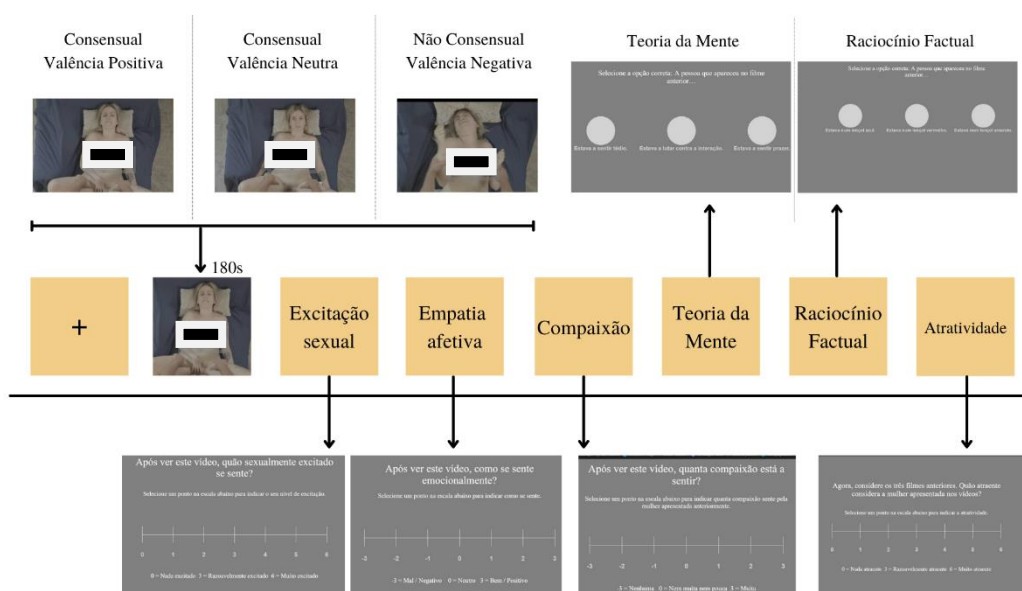
No que diz respeito aos procedimentos que foram utilizados, estes são adaptados considerando o paradigma experimental *EmpaToM* utilizado por Winter et al (2017). Este paradigma tem a particularidade de permitir de forma simultânea aceder a empatia afetiva e cognitiva (Kanske et al., 2015) através da resposta a perguntas que são apresentadas após o participante assistir a uma série de vídeos com diferentes valências, averiguando assim a *performance* comportamental do participante.

Foram criadas seis versões da experiência onde a ordem dos vídeos foi pseudo-aleatorizada bem como a ordem das opções em cada versão, de forma que pudessem ser descartados possíveis enviesamentos nas respostas dos participantes devido à ordem dos vídeos apresentados.

Sendo o objetivo principal deste estudo avaliar a influência da Empatia no *Arousal* sexual em vídeos com conteúdo sexualmente explícito foi utilizado um desenho experimental com uma variável independente intra-sujeitos (valência dos vídeos- positiva, neutra ou negativa) e duas variáveis dependentes intra-sujeitos (empatia e *arousal* sexual). Foi dito aos participantes que estes iriam ver uma série de três vídeos e que, ao fim de cada um deles, teriam de responder a algumas questões. Os participantes assistiram assim a três vídeos (cada um com a duração de 180 segundos) que reproduziram o decorrer de uma relação sexual em

POV (*Point of view*) de modo que os participantes tivessem uma maior imersão na experiência. Desta forma, foi possível fomentar a possibilidade de experiência de processos empáticos e potenciar uma possível *arousal* sexual por eles passível de ser sentida. No anexo B, vemos *printscreens* de toda a experiência e na figura 1 vemos a experiência representada esquematicamente.

Figura 1- Desenho Experimental (EmpaToM adaptado)



Os três vídeos, acima mencionados, diferiram no tipo de interação sexual demonstrado: num deles existe uma interação consensual e a atriz irá demonstrar prazer (valência positiva), um outro demonstrará uma situação consensual, mas com uma postura apática (valência neutra), por fim, um último onde é representada uma situação agressiva e não consensual (valência negativa).

Ao fim de cada vídeo, como já referido acima surgiam uma série de perguntas que pretendiam avaliar as variáveis em estudo, sendo elas:

Arousal sexual subjetivo. Medida auto reportada pelo participante através do item “Após ver este vídeo, quão sexualmente excitado se sente?” ($\alpha=.616$) variando entre 0= Nada excitado e 6= Muito excitado.

Empatia afetiva. Recorrendo ao item “Após ver este vídeo, como se sente emocionalmente?”, pretendendo avaliar estado emocional do participante ($\alpha= .504$) entre -3=Mal/negativo e 3=Bem/positivo.

Compaixão. Com a questão “Após ver este vídeo, quanta compaixão está a sentir?” ($\alpha=.692$), entre -3= Nenhuma e 3= Muita.

Teoria da Mente. Pretendendo avaliar o reconhecimento de emoções no outro, este item “A pessoa que aparece no filme anterior...” tinha uma série de nove opções que foram pseudo-aleatorizadas na forma como apareciam ao participante. No final de cada vídeo, a pergunta que abordava a TdM mostrava três opções diferentes que retratavam os sentimentos que a personagem poderia estar a sentir e o participante devia escolher aquela que para ele era a hipótese correta. Para o com Interação Consensual (valência positiva) tínhamos as hipóteses: “Estava com medo”, “Estava surpreendida” e “Estava a sentir prazer sexual”. Para o vídeo de Interação Neutra, com valência neutra consensual tínhamos: “Estava impávida”, “Estava muito sexualmente excitada” e “Estava zangada”. Por fim, para o vídeo com Interação Coerciva (valência negativa não consensual) as opções eram: “Estava a sentir tédio”, “Estava a lutar contra a interação sexual” e “Estava a sentir prazer”.

Raciocínio Factual. Seguindo a mesma lógica da variável anterior, o item “A pessoa que apareceu no filme anterior...” tinha um total de nove opções que se dividiam em subgrupos dependendo daquilo que estariam a caracterizar. Assim, tínhamos opções relativas à cor do lençol em que a atriz se encontrava deitada (“Estava num lençol azul”, “Estava num lençol vermelho” e “Estava num lençol amarelo”), sobre a cor de cabelo da atriz (“É loira”, “É morena” e “É ruiva”) e sobre a posição em que a atriz estava (“Estava de pé”, “Estava sentada” e “Estava deitada”). O participante devia então escolher a opção correta mediante a pergunta.

Atratividade. Perguntada através do item “Quão atraente considera a mulher apresentada nos vídeos?” ($\alpha=.422$) onde 0=Nada atraente e 6=Muito atraente.

Tabela 1 - Síntese das variáveis do Estudo

Variáveis	M(DP)
<i>Arousal</i> Sexual (vídeo da Interação Consensual)	2,16(1,594)
Empatia Afetiva (Vídeo da Interação Consensual)	,68(1,249)
Compaixão (vídeo da Interação Consensual)	-.23(1,334)
Teoria da Mente (vídeo da Interação Consensual)	2,94(.359)
Raciocínio Factual (vídeo da Interação Consensual)	1,00(.000)
<i>Arousal</i> Sexual (vídeo da Interação Neutra)	,55(1,060)
Empatia afetiva (vídeo da Interação Neutra)	-1,00(1,000)
Compaixão (vídeo da Interação Neutra)	,71(1,616)
Teoria da Mente (vídeo da Interação Neutra)	1,16(.523)
Raciocínio Factual (vídeo da Interação Neutra)	3,00(.000)
<i>Arousal</i> Sexual (vídeo da Interação Coerciva)	,13(.341)
Empatia afetiva (vídeo da Interação Coerciva)	-2,32(.832)
Compaixão (vídeo da Interação Coerciva)	1,77(1,547)
Teoria da Mente (vídeo da Interação Coerciva)	2,00(.258)
Raciocínio Factual (vídeo da Interação Coerciva)	1,16(.523)
Atratividade	2,39(1,498)

Para criar uma maior uniformidade nos vídeos e evitar possíveis enviesamentos na resposta da *arousal* sexual, os vídeos utilizados no estudo foram criados de forma propositada para este, através de uma produtora de filmes pornográficos garantindo assim uma constância ao longo de toda a experiência e minimizar ao máximo possíveis variações nas respostas dadas devido a fatores externos à valência dos vídeos, como por exemplo, diferentes atrizes com diferentes características que poderiam de forma inata criar uma maior atração e consequente *Arousal* sexual nos participantes.

4. Análise de Resultados

Sendo este um estudo de natureza quantitativa e com um design Intra sujeitos uma vez que o mesmo grupo de participantes será exposto a todas as diferentes condições que o constituem, a variável independente deste projeto foi a valência dos vídeos exibidos, podendo ser negativa, neutra ou positiva. Já as variáveis dependentes serão a empatia cognitiva, afetiva, compaixão, Teoria da Mente, Raciocínio Factual e o *Arousal* sexual subjetivo.

Sendo um estudo quantitativo, foi utilizado o IBM SPSS 28, uma plataforma para análise dos dados. No que concerne a este ponto, foi realizado o teste Anova para Medidas repetidas, tendo sido obtidos os seguintes resultados.

4.1 Estatística Inferencial: Anova para medidas repetidas

Tabela 2 - Valores Empatia afetiva sentida em relação à valência do vídeo reproduzido (1-Interação Consensual; 2- Interação Neutra; 3- Interação Coerciva)

	Vídeo 1 (N=32)	Vídeo 2	Vídeo 3	
	Média (DP)	(N=32) Média (DP)	(N=32) Média (DP)	F(2,62)
Empatia afetiva	,66 (1,234)	-1,00(,984)	-2,31(,821)	74,398***

***p < .001

Vemos que para a Empatia no vídeo da Interação Consensual (M=.66 DP=1,234) temos um valor mais alto no sentimento relatado que para a Empatia do vídeo da Interação Neutra (M=-1,00 DP=,984) e também do vídeo da Interação Coerciva (M=-2,31 DP=,821). Podemos concluir deste modo que conforme os vídeos vão tendo uma valência mais negativa também as pessoas se demonstram sentir pior com aquilo que observam e por isso o valor vai avançado para valores mais negativos.

Tabela 3 - Diferenças na Empatia afetiva sentida em relação ao vídeo reproduzido (1-Interação Consensual; 2- Interação Neutra; 3- Interação Coerciva)

	Vídeo 1 vs Vídeo 2	Vídeo 1 vs Vídeo 3	Vídeo 2 Vs Vídeo 3
Empatia afetiva	***	***	***

***** $p < .001$**

Vemos aqui que existem diferenças estatisticamente significativas ao nível da empatia sentida em função da valência dos vídeos, $F(2,62) = 74,4$ e que esta tende a ter um valor negativo quando o vídeo a que os participantes assistem demonstra também uma valência negativa, neste caso de menos pistas de envolvimento da atriz na interação bem como de pistas de consentimento que são dadas ao longo do vídeo.

4.1.1 Medição do *Arousal* Sexual

Tabela 4 - Medição do *Arousal* Sexual sentido em relação ao vídeo reproduzido (1-Interação Consensual; 2- Interação Neutra; 3- Interação Coerciva)

	Vídeo 1 (N=32)	Vídeo 2 (N=32)	Vídeo 3 (N=32)	
	Média (DP)	Média (DP)	Média (DP)	F (2,62)
<i>Arousal</i> Sexual	2,09(1,614)	,53(1,047)	,13(,336)	36,421***

***** $p < .001$**

Quando olhamos para a *Arousal* no vídeo da Interação Consensual ($M=2,09$; $DP=1,614$) e comparada com a *Arousal* do vídeo da Interação Neutra ($M=,53$ $DP=1,047$) e com a *Arousal* do vídeo da Interação Coerciva ($M=,13$; $DP=,336$) vemos que conforme os vídeos vão tendo uma valência mais negativa também as pessoas se demonstram um menor *arousal* subjetivo face aquilo que observam e por isso o valor vai avançado para valores mais negativos. No entanto, vemos que a diferença nas médias é maior entre o vídeo de valência

positiva/Consensual e o de valência neutra/ambígua, e que esta diferença se atenua entre o vídeo de valência neutra e valência negativa/coerciva.

Tabela 5 - Diferenças no *Arousal* Sexual em relação ao vídeo reproduzido (1-Interação Consensual; 2-Interação Neutra; 3- Interação Coerciva)

	Vídeo1 vs Vídeo 2	Vídeo1 vs Vídeo 3	Vídeo2 Vs Vídeo 3
<i>Arousal</i> Sexual	***	***	ns

*** $p < .001$

Vemos aqui que a *arousal* sentida aquando do vídeo de valência positiva/Consensual é significativamente maior do que quando o vídeo tem uma valência neutra/ambígua ou negativa/coerciva. Entendemos também que existem diferenças significativas ao nível da *arousal* sentida em função da valência dos vídeos, $F(2,62) = 36,421$ e que esta tende a ter um mais baixo quando o vídeo tem também ele uma valência negativa.

4.1.2 Medição da Compaixão

Tabela 6 - Medição da Compaixão sentida em relação ao vídeo reproduzido (1-Interação Consensual; 2- Interação Neutra; 3- Interação Coerciva)

	Vídeo 1 (N=32)	Vídeo 2 (N=32)	Vídeo 3 (N=32)	
	Média (DP)	Média (DP)	Média (DP)	F (2,62)
Compaixão	-,22(1,313)	,72(1,591)	1,78(1,497)	16,659***

*** $p < .001$

Em relação á Compaixão vemos que esta vai aumentando desde o Vídeo da Interação Consensual ($M = -,22$; $DP = 1,313$), para o vídeo da Interação Neutra/ambígua ($M = ,72$; $DP = 1,591$) e para o vídeo da Interação Coerciva ($M = 1,78$; $DP = 1,497$). Partindo destes dados vemos que conforme a valência do vídeo vai progredindo num sentido negativo a compaixão progride no sentido contrário, isto é, no sentido positivo aumentando os seus valores.

Tabela 7 - Diferenças na Compaixão sentida em relação ao vídeo reproduzido (1-Interação Consensual; 2- Interação Neutra; 3- Interação Coerciva)

	Vídeo1 vs Vídeo 2	Vídeo1 vs Vídeo 3	Vídeo2 Vs Vídeo 3
Compaixão	ns	***	***

*** $p < .001$

Através da tabela acima apresentada vemos que existem diferenças estatisticamente significativas na compaixão $F(2,62) = 16,659$ pelos participantes demonstrada entre aqueles vídeos que demonstram uma interação consensual versus aquele que demonstra uma interação de não consentimento. Assim, vemos que, quando o vídeo retrata sentimentos negativos por parte da atriz, a compaixão, isto é, vontade de atenuar a situação que observam é também ela significativamente maior.

4.1.3 Medição da Teoria da Mente

Tabela 8 - Tabela de frequências TdM (“A pessoa que apareceu no filme anterior...”) para o vídeo um- Condição de Interação Consensual.

Resposta	n	%
Estava com medo	1	3,1%
Estava a sentir prazer sexual	31	96,9%

Tabela 9 - Tabela de frequências TdM (“A pessoa que apareceu no filme anterior...”) para o vídeo dois- Condição de Interação Neutra.

Resposta	n	%
Estava impávida	28	87,5%
Estava muito sexualmente excitada	1	3,1%
Estava zangada	3	9,4%

Tabela 10 - Tabela de frequências TdM – (“A pessoa que apareceu no filme anterior...”) para o vídeo três- Condição de Coerção.

Resposta	n	%
Estava a sentir tédio	1	3,1%
Estava a lutar contra a interação sexual	30	93,8%
Estava a sentir prazer	1	3,1%

Se olharmos para o item que avalia a Teoria da Mente vemos que este é respondido não através de uma escala como os anteriores, mas sim através de resposta de escolha múltipla. Deste modo vídeo da Interação Consensual (M=2,94; DP=,354), 96,9% (n=31) dos participantes afirma que a atriz está a sentir prazer sexual, o que vai de acordo aquilo que é demonstrado no vídeo em questão. Para o vídeo da Interação neutra/ambígua (M=1,22; DP=,608), vemos que 87,5% (n=28) dos participantes assinalaram que a atriz “está impávida”, face aos 9,4% (n=3) e 3,1% (n=1) que selecionaram outras opções. Vemos evidenciado aqui que grande parte dos participantes parte reconhece a postura neutra demonstrada ao longo do vídeo.

Para o vídeo da Interação Coerciva (M=2,00; DP= ,254), 93,8% (n=30) dos participantes selecionou a opção que menciona o não consentimento da atriz, em comparação com os 3,1% (n=1) que afirma que a atriz estaria a sentir prazer e os 3,1% (n=1) que diz que a atriz sentia tédio durante aquela interação.

4.1.4 Empatia afetiva * Sexual Arousal

Tabela 11 - Tabela de diferença nas Médias mediante o tipo de resposta (Empatia Afetiva * Sexual Arousal) em cada vídeo (1-Interação Consensual; 2- Interação Neutra; 3- Interação Coerciva)

Tipo De Vídeo	Tipo de Resposta	Tipo de Resposta	Diferença média
1	<i>Arousal Sexual</i>	Empatia afetiva	1,438***
	Empatia afetiva	<i>Arousal Sexual</i>	-1,437***
2	<i>Arousal Sexual</i>	Empatia afetiva	1,531***
	Empatia afetiva	<i>Arousal Sexual</i>	-1,531***
3	<i>Arousal Sexual</i>	Empatia afetiva	2,438***
	Empatia afetiva	<i>Arousal Sexual</i>	-2,437***

$\rho < ,001^{***}$

A partir da tabela acima representada vemos que existem diferenças significativas quando as médias das respostas para a Empatia e para o *Arousal* Sexual em todas os vídeos e respectivas valências.

Para melhor compreender a influência destas variáveis entre si, realizaremos uma Correlação de *Pearson* para averiguar melhor de que forma estas se relacionam.

4.2 Correlações

A seguinte tabela analisa as relações entre as diferentes dimensões em estudo, tais como empatia afetiva, cognitiva e compaixão e sua relação com as diferentes valências dos vídeos bem como a atratividade da atriz e idade dos participantes. (Por favor ver página seguinte.)

		Idade	Após ver este vídeo, quanto sexualmente excitado se sente? (vídeo 1)	Após ver este vídeo, como se sente? (vídeo 1)	Após ver este vídeo, quanta compaixão está a sentir? (vídeo 1)	Após ver este vídeo, quanto sexualmente excitado se sente? (vídeo 2)	Após ver este vídeo, como se sente? (vídeo 2)	Após ver este vídeo, quanta compaixão está a sentir? (vídeo 2)	Após ver este vídeo, quanto sexualmente excitado se sente? (vídeo 3)	Após ver este vídeo, como se sente? (vídeo 3)	Após ver este vídeo, quanta compaixão está a sentir? (vídeo 3)	Quão atraente considera a mulher apresentada nos vídeos?
Idade	r	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	p		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	n	32	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Após ver este vídeo, quanto sexualmente excitado se sente? (vídeo 1)	r	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	p	,035		-	-	-	-	-	-	-	-	-
	n	,851	32	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Após ver este vídeo, como se sente? (vídeo 1)	r	,264	,357*	1	-	-	-	-	-	-	-	-
	p	,145	,045		-	-	-	-	-	-	-	-
	n	32	32	32	-	-	-	-	-	-	-	-
Após ver este vídeo, quanta compaixão está a sentir? (vídeo 1)	r	,126	,040	,211	1	-	-	-	-	-	-	-
	p	,491	,826	,247		-	-	-	-	-	-	-
	n	32	32	32	32	-	-	-	-	-	-	-
Após ver este vídeo, quanto sexualmente excitado se sente? (vídeo 2)	r	,219	,466**	,096	,040	1	-	-	-	-	-	-
	p	,228	,007	,601	,827		-	-	-	-	-	-
	n	32	32	32	32	32	-	-	-	-	-	-

Após ver este vídeo, como se sente? (vídeo 2)	r	,090	,163	,080	,150	,251	1	-	-	-	-	-
	p	,626	,374	,665	,413	,167		-	-	-	-	-
	n	32	32	32	32	32	32	-	-	-	-	-
Após ver este vídeo, quanta compaixão está a sentir? (vídeo 2)	r	,062	-,040	,048	-,046	,054	- ,660**	1	-	-	-	-
	p	,736	,829	,795	,803	,770	<,001		-	-	-	-
	n	32	32	32	32	32	32	32	-	-	-	-
Após ver este vídeo, quanto sexualmente excitado se sente? (vídeo 3)	r	,022	,275	-,049	-,375*	,080	,195	-,234	1	-	-	-
	p	,905	,127	,792	,035	,662	,284	,198		-	-	-
	n	32	32	32	32	32	32	32	32	-	-	-
Após ver este vídeo, como se sente? (vídeo 3)	r	,079	,145	-,046	,054	,275	,320	-,168	,497**	1	-	-
	p	,667	,430	,803	,768	,128	,074	,357	,004		-	-
	n	32	32	32	32	32	32	32	32	32	-	-
Após ver este vídeo, quanta compaixão está a sentir? (vídeo 3)	r	- ,053	,102	,325	-,222	-,026	-,285	,529**	-,072	-,320	1	-
	p	,774	,578	,070	,222	,886	,114	,002	,695	,074		-
	n	32	32	32	32	32	32	32	32	32	32	-
Quão atraente considera a mulher apresentada nos vídeos?	r	,394*	,418*	,551**	,277	,305	,022	,170	-,098	-,193	,228	1
	p	,026	,017	,001	,125	,089	,904	,352	,595	,290	,209	
	n	32	32	32	32	32	32	32	32	32	32	32

*. $\rho < ,05$
 **. $\rho < ,001$

Tabela 12 - Correlação de *Pearson*. (1-Interação Consensual; 2- Interação Neutra; 3- Interação Coerciva)

4.2.1 Empatia*Arousal Sexual

Vemos assim que para o vídeo da Interação Consensual a Empatia vai influenciar a *Arousal* Sexual com $r(30) = ,357$, $\rho = ,045$ indicando assim que existe correlação fraca, mas ainda assim significativa.

Para o Vídeo da Interação Coerciva, aquele que relata uma situação de não consentimento vemos que $r(30) = ,497$, $\rho = ,004$ estando também estabelecida uma correlação positiva significativa ainda que fraca.

4.2.2 Atratividade * Arousal Sexual

Vemos que existe uma correlação $r(30) = ,418$, $\rho = ,001$ entre a Atratividade e o *Arousal* sexual no vídeo um. No entanto, esta mostra-se fraca ainda que estatisticamente significativa.

4.2.3 Atratividade * Empatia Afetiva

Quando averiguamos se existe qualquer correlação entre estas duas variáveis percebemos que a Atratividade possui uma correlação positiva com a Empatia Afetiva (no Vídeo um), onde $r(30) = ,551$, $\rho = ,001$, significando isto uma correlação moderada e estatisticamente significativa.

4.2.4 Atratividade * Idade

Ao analisarmos estas duas variáveis vemos que existe uma correlação positiva com a idade, isto é, conforme a idade dos participantes avançava mais atraente eles achavam que era a atriz do vídeo. Esta correlação $r(30) = ,394$, $\rho = ,026$ mostra-se como uma correlação fraca mas estatisticamente significativa.

Discussão e Conclusões

Com base nos resultados obtidos no estudo, podemos retirar uma série de conclusões e pensar sobre as mesmas. Conseguimos em relação à empatia perceber que os participantes de alguma forma se deixam contagiar pelo estímulo que tem presente, e que se este é um estímulo de uma interação com um valor positivo também consequentemente os participantes se irão sentir bem. Numa primeira análise, poderíamos inferir que se tratava de um contágio emocional, que para alguns autores é uma outra forma de se referir à empatia afetiva (Nummenmaa et al., 2008) e visto que a transmissão de sinais de sofrimentos poderia causar nos participantes mal estar de forma natural. No entanto, é importante referir que contágio emocional pode expressar-se de diferentes formas: experienciando a mesma emoção que vemos no outro, experienciar uma emoção provocada pela emoção vista no outro mas que não é necessariamente essa mesma emoção ou ainda na forma de resposta emocional a uma situação com carga emocional ou emoção a que a pessoa está exposta (Hall & Schwartz, 2018). Já quando nos focamos na empatia afetiva, esta vai sempre assumir além da partilha da carga emocional o reconhecimento da emoção que o outro sente, e é este mesmo o reconhecimento que nos pode corroborar a origem dos resultados obtidos no estudo. Se olharmos para os dados obtidos na medição da TdM vemos que na sua maioria, os participantes reconheceram a emoção/sentimento presente em cada vídeo e por isso podemos afirmar que o valor das médias obtidas para a Empatia advém de facto de uma empatia sentida pelos participantes e não devido a um contágio emocional dos mesmos. De salientar ainda que a empatia, que variava numa escala entre -3 e 3 teve para o vídeo de valência negativa um valor mais acentuado do que no vídeo de valência positiva/Consensual.

No que diz respeito à *Arousal* sexual a mesma não obtém valores muito altos, tendo em conta o espectro da escala em que é medida. O mesmo pode dever-se ao facto de os participantes não acharem a atriz do filme atraente e por isso o *arousal* sexual fica também comprometido. Evidência disto é um estudo de Borg et al. (2019), onde homens reportaram uma maior vontade em se envolver sexualmente com pessoas que achavam atraentes do que quando com aquelas que não avaliaram como atraentes. Apesar de a atriz ser sempre a mesma

e no caso de o participante não achar atraente os valores do *arousal* sexual tender a ser menor, é importante que haja este *continuum* nas imagens para tentar descartar fatores que pudessem de alguma forma alterar as respostas mediante o físico da atriz. Assim, tendo em conta o escrito até aqui a hipótese H5 “Em filmes que retratam uma valência neutra e positiva, não haverá diferenças significativas no *Arousal* sexual subjetivo” acaba por ser rejeitada uma vez que ao contrário do esperado. Este resultado pode significar que para que *arousal* sexual seja sentido, deve haver estímulos positivos específicos, de que a atriz sente prazer, e que a falta destes significa também um menor *arousal* sexual. Quando a valência do vídeo é negativa o valor do sexual *arousal* é menor, provavelmente influenciado pelos indicadores de relação não consensual que irão diminuir o *arousal* sexual. Esta informação vem confirmar a escrita acima e evidenciar a importância de estímulos positivos (i.e., prazer) para que o *arousal* sexual aconteça. Isto vem também certificar a hipótese H4 “Em filmes que retratem um não consentimento com valência negativa, haverá um menor *Arousal* sexual subjetivo”.

Uma outra hipótese para estes resultados mais baixos passa pela duração baixa do filme. Tal é corroborado em estudos de Janssen et al. (2003) e Toledano & Pfaus (2006) onde também foram utilizados estímulos com a mesma duração e os resultados obtidos para o *arousal* sexual foram também relativamente baixos tendo em conta a escala em que eram medidos. É importante também referir que ao ser um valor auto reportado, pode haver uma certa inibição por parte do participante em assinalar o valor correto.

Num dos poucos estudos encontrados acerca da temática da Empatia relacionada com o *Arousal* Sexual, Rice et al. (1994) observou que o *Arousal* sexual de homens sem historial de agressões sexuais quando expostos a estímulos de não consentimento era inibido devido à empatia sentida para com a vítima. Para Rice et al., (1994), tal acontecia porque os participantes de algum modo se sentiam ligados ao sofrimento da vítima expresso no filme. O mesmo acontece neste estudo, quando verificamos uma correlação entre a empatia afetiva dos participantes e a *arousal* sexual por eles assinalada. Podemos assim desta forma, confirmar a primeira hipótese do estudo, que nos dizia que perante um filme que retrate o não consentimento a empatia terá um valor mais expressivo contrastando com um valor mais baixo de *Arousal* sexual.

Não obstante, apesar de haver efeito na valência negativa, quando o vídeo tem uma valência neutra não há qualquer efeito significativo a registar do mesmo, confirmando assim a segunda hipótese sugerida: “Em filmes que retratem uma consensualidade com valência neutra, não haverá influência da empatia sentida no *Arousal sexual*.”.

Quando o vídeo tem uma valência positiva/Consensual, a análise dos dados demonstrou que há um maior valor da empatia, isto é, os participantes dizem sentir-se melhor ao fim de visualizar o vídeo da Interação Consensual e reportam também um valor de *arousal* sexual mais elevado em comparação com as outras condições, havendo inclusive uma correlação positiva entre ambas as variáveis. Estes dados vão de acordo à literatura encontrada, que nos diz que perante estímulos como por exemplo vídeos eróticos haverá um estado aroused (Parada et al., 2016) e corroboram aquilo que seria esperado quando os participantes estão expostos a uma valência positiva. Assim, confirmamos a terceira hipótese “Em filmes que retratem uma consensualidade com valência positiva, haverá um maior nível de empatia e um *Arousal sexual* mais alto.”.

Em relação à Compaixão, um estado emocional que pressupõe no eu a vontade de ajuda e melhoria do estado da outra pessoa, vemos que evolui de forma significativamente conforme se avança nos tipos de valência dos vídeos. Tal pode ser explicado pelo facto de que a interpretação dos sinais de desinteresse e impavidez do vídeo de Interação Neutra e do desconforto e sofrimento do vídeo da Interação Coerciva façam com que o participante sinta uma maior vontade de atenuar aquela situação.

Em relação à atratividade vemos que existe uma correlação positiva entre a mesma e a idade, isto é, conforme a idade dos participantes avança também o mesmo sucede com o quão atraente classificam atriz. Este resultado pode dever-se assim por haver uma hipotética semelhança entre a faixa etária da atriz com a dos participantes e daí uma maior identificação promover um maior arousal.

Podemos também confirmar a hipótese H6: Em filmes que retratem um não consentimento com valência negativa, haverá diferenças significativas na empatia afetiva e compaixão em relação aqueles com uma valência positiva e neutra uma vez que essas mesmas diferenças foram encontradas nos dados analisados.

Quanto à hipótese H7: Em filmes que retratem um consentimento com valência neutra e positiva não haverá diferenças significativas em relação à empatia afetiva e compaixão quando comparados com filmes com valência negativa esta é rejeitada uma vez que os valores encontrados sugerem que no que diz respeito à empatia afetiva existem diferenças significativas quando comparamos os vídeos de Interação Consensual com a Neutra.

Em suma, os resultados obtidos permitem-nos entender que existe sim uma relação entre a empatia afetiva e o arousal sexual sentido quando estamos expostos a vídeos que retratam uma interação Coerciva. A correlação que existe entre estas dimensões, apesar de fraca permite estabelecer uma ligação entre elas. Este valor fraco pode dever-se ao tamanho da amostra, que não é de todo tão representativa quanto o desejado para nos poder fazer tirar conclusões assertivas.

Numa nota reflexiva, vemos ao longo de todo o estudo, desde o enquadramento teórico e até à análise dos resultados e discussão dos mesmos que a Empatia e os processos empáticos são ainda um construto ambíguo e com um significado muito pessoal para todos que a estudam. Deste modo, e indo ao encontro das conclusões de Hall & Schwartz (2018), a ambiguidade na definição deste conceito vem dificultar a possibilidade de a partir dele retirar conclusões significativas.

4.3 Limitações

Como em todos os estudos, há sempre aspetos que de alguma forma comprometeram o total sucesso do mesmo. Neste estudo em específico foram vários os aspetos que impediram que o mesmo avançasse da forma que era pretendida e de acordo com aquilo que havia sido idealizado.

Primeiramente, um dos grandes constrangimentos foi a Pandemia da Covid-19. Este estudo seria realizado em ambiente laboratorial e controlado para que os resultados fossem o mais fiáveis possível. Por exemplo, no plano do mesmo estava contemplada a medição do *Arousal* sexual de forma fisiológica, recorrendo a strain gauges, o que nos permitira contrastar com os dados do *Arousal* sexual subjetivo e daí poder descobrir possíveis relações ou diferenças entre ambos. Ainda tendo em mente as limitações causadas pela Pandemia, o facto de a experiência decorrer online obrigou á procura de novas plataformas onde a mesma

pudesse ser realizada. Dado que numa primeira plataforma escolhida a recolha de dados teve de ser interrompida por falhas na plataforma, vimo-nos obrigadas a procurar uma nova e de construção de toda a rotina da experiência novamente. Este atraso no início de recolha de dados, acabou por vir a coincidir com o período de férias o que limitou também o tamanho da amostra. Ainda neste sentido, observamos que face à obrigatoriedade da recolha de dados online, abria lugar a possíveis fatores distratares para os mesmos acabando por poder comprometer o rigor dos dados por nós recolhidos. Um outro fator que penso ter contribuído para a fraca adesão ao estudo é o tema em questão, pois uma vez que abordamos temáticas da sexualidade e conteúdo sexualmente explícito, esse pode ser um fator inibidor da disponibilidade de potenciais participantes. A somar ao acima referido, temos ainda a questão da falta de recompensa pela participação no mesmo, dada não só a sua natureza bem como a sua duração, fator que acredito ter diminuído a predisposição para participar no estudo.

Por fim, uma grande limitação ao longo do estudo foi a falta de literatura que relacionasse as duas grandes temáticas alvo do estudo: empatia e *Arousal* sexual. Esta carência de material acabou por dificultar todo o processo não só do enquadramento teórico como também da discussão dos resultados.

4.4 Potencialidades

Seria interessante num próximo estudo tentar perceber até que ponto a ordem em que os vídeos são mostrados influencia o *Arousal* sexual sentido pelos participantes e se o *Arousal* reportado pelos mesmos irá diferir daquele medido fisiologicamente. Seria também pertinente olhar de outro prisma para a questão que nos traz aqui e tentar perceber se o *Arousal* sexual tem influência de algum modo na empatia, através da reprodução alternada de vídeos de carácter sexualmente explícito e sem esse carácter e perceber se haverá ou não essa relação.

Se nas limitações foi apontada a escassez de literatura como forma de apoio à realização do estudo, essa mesma pode ser vista como uma potencialidade do mesmo demonstrando o seu carácter inovador e que de alguma forma venha a contribuir para o conhecimento ligado a estas temáticas bem como possa ser motivador para num futuro as mesmas possam ser aprofundadas.

5. Referências Bibliográficas

- Bernhardt, B. C., & Singer, T. (2012). The Neural Basis of Empathy. *Annual Review of Neuroscience*, 35(1), 1–23. <https://doi.org/10.1146/annurev-neuro-062111-150536>
- Borg, C., Pawłowska, A., Stokkum, R. Van, Janniko, R., Jong, P. J. De, Borg, C., Pawłowska, A., Stokkum, R. Van, & Janniko, R. (2019). The Influence of Sexual Arousal on Self-Reported Sexual Willingness and Automatic Approach to Models of Low , Medium , and High Prior Attractiveness The Influence of Sexual Arousal on Self-Reported Sexual Willingness and Automatic. *The Journal of Sex Research*, 00(00), 1–13. <https://doi.org/10.1080/00224499.2019.1687641>
- Craig, A. N., Peterson, Z. D., Janssen, E., Goodrich, D., & Heiman, J. R. (2017). Affect and sexual responsivity in men with and without a history of sexual aggression. *Journal of Sex Research*, 54(8), 984–993. <https://doi.org/10.1080/00224499.2017.1301357>
- Demers, L. A., & Koven, N. S. (2015). The relation of alexithymic traits to affective theory of mind. *American Journal of Psychology*, 128(1), 31–42. <https://doi.org/10.5406/amerjpsyc.128.1.0031>
- Engen, H. G., & Singer, T. (2013). Empathy circuits. In *Current Opinion in Neurobiology* (Vol. 23, Issue 2, pp. 275–282). Curr Opin Neurobiol. <https://doi.org/10.1016/j.conb.2012.11.003>
- Hall, J. A., & Schwartz, R. (2018). Empathy present and future. <https://doi.org/10.1080/00224545.2018.1477442>, 159(3), 225–243. <https://doi.org/10.1080/00224545.2018.1477442>
- Hein, G., Silani, G., Preuschoff, K., Batson, C. D., & Singer, T. (2010). Neural responses to ingroup and outgroup members' suffering predict individual differences in costly helping.

- Neuron*, 68(1), 149–160. <https://doi.org/10.1016/j.neuron.2010.09.003>
- Hogan, R. (1969). Development of an empathy scale. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 33(3), 307–316. <https://doi.org/10.1037/h0027580>
- Janssen, E. (2011). Sexual arousal in men: A review and conceptual analysis. In *Hormones and Behavior* (Vol. 59, Issue 5, pp. 708–716). <https://doi.org/10.1016/j.yhbeh.2011.03.004>
- Janssen, E., Carpenter, D., & Graham, C. A. (2003). Selecting Films for Sex Research: Gender Differences in Erotic Film Preference. *Archives of Sexual Behavior*, 32(3), 243–251. <https://doi.org/10.1023/A:1023413617648>
- Janssen, E., Everaerd, W., Spiering, M., & Janssen, J. (2000). Automatic processes and the appraisal of sexual stimuli: Toward an information processing model of sexual arousal. *Journal of Sex Research*, 37(1), 8–23. <https://doi.org/10.1080/00224490009552016>
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2006). Development and validation of the Basic Empathy Scale. *Journal of Adolescence*, 29(4), 589–611. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2005.08.010>
- Kanske, P., Böckler, A., Trautwein, F. M., & Singer, T. (2015). Dissecting the social brain: Introducing the EmpaToM to reveal distinct neural networks and brain-behavior relations for empathy and Theory of Mind. *NeuroImage*, 122, 6–19. <https://doi.org/10.1016/j.neuroimage.2015.07.082>
- Lim, D., & Desteno, D. (2016). *Suffering and Compassion: The Links Among Adverse Life Experiences, Empathy, Compassion, and Prosocial Behavior*. <https://doi.org/10.1037/emo0000144.supp>
- Nummenmaa, L., Hirvonen, J., Parkkola, R., & Hietanen, J. K. (2008). Is emotional contagion special? An fMRI study on neural systems for affective and cognitive empathy.

- NeuroImage*, 43(3), 571–580. <https://doi.org/10.1016/J.NEUROIMAGE.2008.08.014>
- Parada, M., Gérard, M., Larcher, K., Dagher, A., & Binik, Y. M. (2016). Neural Representation of Subjective Sexual Arousal in Men and Women. *Journal of Sexual Medicine*, 13(10), 1508–1522. <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2016.08.008>
- Preckel, K., Kanske, P., & Singer, T. (2018). On the interaction of social affect and cognition: empathy, compassion and theory of mind. In *Current Opinion in Behavioral Sciences* (Vol. 19, pp. 1–6). Elsevier Ltd. <https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2017.07.010>
- Price, D. D. (2000). Psychological and neural mechanisms of the affective dimension of pain. In *Science* (Vol. 288, Issue 5472, pp. 1769–1772). Science. <https://doi.org/10.1126/science.288.5472.1769>
- Rice, M. E., Chaplin, T. C., Harris, G. T., & Coutts, J. (1994). Empathy for the victim and sexual arousal among rapists and nonrapists. *Journal of Interpersonal Violence*, 9(4), 435–449. <https://doi.org/10.1177/088626094009004001>
- Stevens, F., & Taber, K. (2021). The neuroscience of empathy and compassion in pro-social behavior. *Neuropsychologia*, 159(December 2020), 107925. <https://doi.org/10.1016/j.neuropsychologia.2021.107925>
- Toledano, R., & Pfaus, J. (2006). The sexual arousal and desire inventory (SADI): A multidimensional scale to assess subjective sexual arousal and desire. *Journal of Sexual Medicine*, 3(5), 853–877. <https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2006.00293.x>
- Weiblen, R., Mairon, N., Krach, S., Buades-Rotger, M., Nahum, M., Kanske, P., Perry, A., & Krämer, U. M. (2021). The influence of anger on empathy and theory of mind. *PLoS ONE*, 16(7 July 2021). <https://doi.org/10.1371/JOURNAL.PONE.0255068>
- Zaki, J., & Ochsner, K. (2012). The neuroscience of empathy: Progress, pitfalls and promise. In *Nature Neuroscience* (Vol. 15, Issue 5, pp. 675–680). <https://doi.org/10.1038/nn.3085>

6. Anexos

6. Anexos

Anexo A- Cartaz de Divulgação da Recolha de Dados



The poster features a central illustration of a brown lampshade hanging from above, casting a warm, yellow light onto a light-colored oval area below. The background is a solid light beige color. In the top left corner, the logo of the University of Porto (U. PORTO) is displayed, including the text 'FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO' and 'UNIVERSIDADE DO PORTO'. In the top right corner, the 'sexlab' logo is shown in a stylized, lowercase font with red double arrows. The main title of the study is centered within the illuminated oval area. Below the title, a paragraph describes the study's format and purpose. At the bottom left, a list of eligibility criteria is presented in a dashed-line box. To the right of this box, text indicates that registration can be done via a QR code or a link. A QR code is positioned below this text. At the bottom center, an email icon is followed by the contact email address.

U. PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

sexlab»

**INFLUÊNCIA DE ASPETOS PSICOLÓGICOS
NA RESPOSTA A VÍDEOS COM
CONTEÚDO SEXUALMENTE EXPLÍCITO**

A sua participação neste estudo será realizada de forma online e individual e pode resultar numa oportunidade de contribuir para o conhecimento científico.

Posso participar se:

- For do sexo masculino;
- Tiver entre 18 e 35 anos;
- Tiver orientação heterossexual.

Inscrições através do QR code ou Link disponibilizado.



 investigacaoofpceup2021@hotmail.com

Anexo B- Guião para a Recolha de dados durante a chamada ZOOM

Instruções a dar aos participantes

Bom dia/boa tarde. O meu nome é Carolina. Está tudo bem? Antes de começarmos quero agradecer-lhe o seu interesse e disponibilidade em participar nesta experiência. O seu contributo é valioso nesta investigação.

Vou-lhe pedir que abra este link. Verá que há uma barra cinzenta na janela que vai avançando e quando esta chegar ao fim a experiência estará assim pronta a ser realizada. Neste momento, peço que não carregue em nada e deixe a barra correr. Mais tarde darei indicações para voltarmos aí. Aconselho que desligue todas as aplicações ou janelas que tiver abertas no seu computador, para não o distrair e não interferir com o software.

Esta experiência terá quatro momentos e irei acompanhar todo o processo através da reunião zoom, no entanto sempre que estiver a desempenhar alguma tarefa, desligaremos ambos tanto o microfone como a câmara. Vou realçar que não terei acesso às respostas que estiver a dar, e não estarei a ver o que se estiver a passar no seu ecrã. As suas respostas serão sim armazenadas num sistema informático de forma anónima.

Para realizar a experiência terá de em primeiro lugar preencher um questionário sociodemográfico e depois passaremos, então, para a realização da experiência em si. Esta experiência consiste na visualização de uma série de vídeos. Após cada vídeo, vão aparecer questões relacionadas com o mesmo para resposta. Aconselho a que esteja num local isolado, com privacidade, com o som do computador sempre ligado e seria melhor ainda se pudesse usar fones devido à natureza dos vídeos. Além disso, peço que tenha o telemóvel desligado ou em modo voo.

Tenha em atenção de que vai indicar um número de participante no questionário e deve utilizar o mesmo número na experiência, assim, peço que aponte ou memorize de modo que os dados do questionário e da experiência possam ser associados. Mais uma vez, estarei sempre aqui para esclarecer alguma dúvida ainda que ambos estaremos de microfone e câmara desligados. Tem alguma dúvida? Precisa que esclareça algo?

Vou então enviar o link do questionário e pedir que quando terminar de o preencher volte à reunião para só depois passarmos para a experiência. Responda SEMPRE da forma mais sincera possível e com a primeira resposta que lhe vier à cabeça.

(Envia-se o link).

Teve alguma dúvida no questionário?

Vá agora ao browser onde abriu a experiência e veja se esta já está carregada. Onde pedem o número de participante coloque o mesmo número que colocou no questionário sociodemográfico.

Antes de iniciar a experiência (carregando em “ok”), peço que desligue tanto o microfone como a câmara da sessão zoom a decorrer de modo que a experiência decorra de forma mais confortável possível. Se em algum momento a experiência encravar, sugiro que execute o seguinte comando “ESCAPE”. Ainda, se porventura der algum tipo de erro, peço que tire um *printscreen* ou uma foto com o telemóvel de modo que me possa enviar e tentar perceber o que correu mal. Assim que terminar, volta à sessão zoom para um pequeno *debriefing* e tirar quaisquer dúvidas que possam ter surgido. É pouco provável que surja alguma dúvida durante a realização da experiência uma vez que as instruções vão aparecer no ecrã do seu computador, e por isso não tem problema estarmos de microfone e câmara desligada.

Vou chamar à atenção para o facto de ter sempre de seleccionar uma resposta em todas as questões e, mais uma vez, que responda SEMPRE da forma mais sincera possível e com a primeira resposta que lhe vier à cabeça.

Tem alguma questão?

DEBRIEFING

Como correu? Tem alguma dúvida? Algum comentário ou sugestão?

Relembro que os dados recolhidos serão sempre analisados num conjunto e nunca de forma individual que permita identificar as respostas de cada participante. É importante que não partilhe informação sobre o estudo, ou qualquer informação que possa influenciar as respostas de potenciais participantes.

Se quiser ter acesso aos resultados finais da experiência, peço que daqui a algum tempo envie um email demonstrando esse interesse e teremos, enquanto equipa, todo o gosto em partilhá-los consigo. O email deve ser enviado para o seguinte endereço: investigacaofpceup2021@hotmail.com.

<https://forms.gle/DyD9D76dUqcgb4uo9>

Influência de aspetos psicológicos na resposta a vídeos com conteúdo sexualmente explícito.

O presente estudo faz parte dos projetos de Mestrado em Psicologia, pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, das alunas Carolina Araújo e Beatriz Carneiro, sob orientação da investigadora Mariana Carrito. Este obteve um parecer favorável da Comissão de Ética da FPCEUP.

O objetivo desta investigação é compreender o contributo de alguns aspetos psicológicos na resposta a vídeos com conteúdo sexualmente explícito. Para participar é necessário ter entre 18 e 35 anos, ser do sexo masculino e de orientação heterossexual. A sua participação será individual e demorará aproximadamente uma hora.

Neste estudo serão obtidas medidas subjetivas da resposta sexual durante a apresentação de estímulos (filmes) sexualmente explícitos. Simultaneamente será questionado sobre emoções que reconhece nos atores que são representados nos vídeos. Durante a visualização dos filmes serão colocadas questões a visualizar no próprio ecrã de computador, e às quais deverá responder usando o rato e o teclado do seu computador. Após a visualização dos filmes ser-lhe-á solicitada uma pequena entrevista online de "debriefing" onde terá a oportunidade de colocar qualquer dúvida, questões acerca das implicações do estudo e do sentido que este teve para si, dar a sua opinião ou ainda sugestões acerca de aspetos que possam ser por nós melhorados. Poderá desistir do estudo em qualquer momento, antes e durante a sessão experimental.

Riscos e Desconfortos/Danos Resultantes da Investigação:

Os riscos do presente estudo são mínimos, no entanto, é possível que sinta algum desconforto devido à natureza explícita e nalguns casos, não consensual, dos vídeos. Também faz parte do estudo o participante responder a questões de índole pessoal, relacionadas com o comportamento sexual. Se desejar, e caso sinta esta necessidade, poderá ser agendada uma segunda sessão online não experimental onde poderão ser discutidas questões relacionadas com a sua experiência e resultados.

Benefícios:

A participação neste estudo poderá resultar numa oportunidade de exploração e desenvolvimento pessoais, podendo ainda dispor de técnicos especializados a fim de colmatar qualquer dúvida ou questão no âmbito da sexualidade humana e saúde sexual.

Confidencialidade:

A informação obtida neste estudo será tratada como confidencial. As suas respostas serão identificadas com um número e nunca terão o seu nome. Os seus resultados serão identificados com um número (o número de registo). Esta informação estará guardada em segurança, e só será do conhecimento das pessoas ligadas à investigação. Todas as informações relacionadas com a identificação dos participantes nesta investigação serão destruídas após 3 meses da conclusão do estudo. Qualquer e-mail que nos envie será também destruído após a realização do estudo. Quando os resultados deste estudo forem publicados, não haverá qualquer forma de ser identificado. No caso de nos contactar, por exemplo com questões acerca do estudo, ou por preocupações relacionadas com a sua participação, queremos lembrá-lo sobre a eventual falta de segurança dos e-mails.

Como tal, disponibilizamos o contacto do nosso laboratório: 220 428 908. Se tiver alguma questão a colocar acerca deste estudo ou dos seus procedimentos, poderá fazê-lo em qualquer altura através do mesmo contacto, ou através dos emails: marianacarrito@fpce.up.pt ou sexlab@fpce.up.pt.

*Obrigatório

Consentimento

1. Foi-me prestada uma explicação integral acerca da natureza e objetivos do estudo, sendo concedida a possibilidade de esclarecer todos os aspetos que considere pertinentes. Se assim o desejar, sei que sou livre de abandonar o estudo em qualquer momento. Não serão recolhidos dados que permitam a minha identificação, permanecendo confidenciais. Concordo que estes sejam analisados pelos investigadores responsáveis pelo estudo, sob autoridade delegada do investigador principal. Além disso, não procurarei restringir o uso dos dados para os quais o estudo se dirige. Declaro ainda que sou maior de idade e que li o formulário de consentimento, pretendendo prosseguir e participar no presente estudo. *

Marcar tudo o que for aplicável.

☐ Confirmo a informação declarada anteriormente, concordo e aceito participar no presente estudo.

Caracterização

2. Nº de Registo: *

Por favor coloque o número do seu dia de aniversário, o número do mês de aniversário da sua mãe e os últimos dois números do ano de nascimento do seu pai. Exemplo: 220867 Relembramos que este número nunca será associado à sua identidade, tratando-se de um codificador das suas respostas.

3. Idade: *

4. Nacionalidade: *

5. Género: *

Marcar apenas uma oval.

☐ Masculino

☐ Feminino

☐ Outra: _____

6. Orientação Sexual: *

Marcar apenas uma oval.

☐ Heterossexual

☐ Homossexual

☐ Bissexual

☐ Outra: _____

7. Estado Civil: *

Marcar apenas uma oval.

☐ Solteiro(a)

☐ Casado(a)

☐ União de facto

☐ Divorciado(a)

☐ Viúvo(a)

8. Habilitações Literárias: *

Marcar apenas uma oval.

☐ Ensino Básico

☐ Ensino Secundário

☐ Curso Profissional

☐ Ensino Superior

☐ Outra: _____

9. Ocupação: *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Estudante
- ☐ Trabalhador estudante
- ☐ Empregado
- ☐ Desempregado
- ☐ Outra: _____

10. Tem alguma doença física diagnosticada? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

11. Se sim, qual?

12. Tem alguma doença sexual diagnosticada? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

13. Se sim, qual?

14. Tem alguma patologia mental diagnosticada? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

15. Se sim, qual?

16. Toma alguma medicação? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

17. Se sim qual/quais?

18. Consome drogas? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

19. Se sim qual/quais?

SDRS-5 (Hays,
Hayashy, &
Stewart, 1989)

Em baixo estão algumas frases à cerca do seu relacionamento com outras pessoas. Por favor indique o quanto cada frase é verdadeira ou falsa para si.

20. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Definitivamente verdade	Quase sempre verdade	Não sei	Quase sempre falsa	Definitivamente falsa
Sou sempre amável mesmo quando as pessoas são desagradáveis.	☐	☐	☐	☐	☐
Houve situações em que tirei vantagem de alguém.	☐	☐	☐	☐	☐
Às vezes tento vingar-me em vez de perdoar e esquecer.	☐	☐	☐	☐	☐
Às vezes fico ressentido quando não consigo as coisas à minha maneira.	☐	☐	☐	☐	☐
Não importa com quem estou a falar, sou sempre um bom ouvinte.	☐	☐	☐	☐	☐

ECSA
(Anderson,
1996)

A seguir encontra-se uma lista acerca das formas como os homens abordam as mulheres e iniciam contacto sexual. Por favor indique quantas vezes utilizou cada uma destas formas.

21. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nunca	Pelo menos uma vez
Quantas vezes já teve contacto sexual (carícias, beijos ou relações sexuais) com uma mulher quando ambos queriam?	☐	☐
Quantas vezes iniciou contacto sexual com uma mulher?	☐	☐
Ao iniciar contacto sexual com uma mulher, quantas vezes sobrestimou o nível de atividade sexual que ela desejava ter?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher por estar tão sexualmente excitado que não queria parar?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher por ter sido pressionado por amigos, família ou colegas do seu grupo?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher ameaçando acabar com a vossa relação?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher dizendo coisas que no fundo não queria dizer?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher pressionando-a com argumentos verbais?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher levando-a a excitar-se sexualmente?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher questionando a sua sexualidade (sugerindo que ela poderia ser frígida ou lésbica)?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher para fazer ciúmes a outra mulher?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher para se vingar ou magoar	☐	☐

outra mulher?

Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher porque queria acabar uma relação com outra mulher?

☐☐

EC5A
(Anderson,
1996)

A seguir encontra-se uma lista acerca das formas como os homens abordam as mulheres e iniciam contacto sexual. Por favor indique quantas vezes utilizou cada uma destas formas.

22. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nunca	Pelo menos uma vez
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher numa posição de autoridade sobre si (professora, supervisora, patroa, entre outros) para melhorar a sua situação ou obter alguma coisa?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher porque estava zangado com ela?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher para retaliar por algo que ela tenha feito?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher para obter poder e controlo sobre ela?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher usando a sua posição de poder ou autoridade (baby-sitter, professor, conselheiro, supervisor, patrão, entre outros)?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher com 12 a 18 anos de idade e mais nova 5 ou mais anos que você?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher enquanto a consciência dela estava limitada pelo uso de drogas ou álcool?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher levando-a a embriagar-se ou a drogar-se?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher tirando partido de uma situação comprometedora onde ela estava (estando ela num sítio onde não pertencia ou quebrando alguma regra)?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher ameaçando usar algum tipo de força física (puxando-a, agarrando-a, atingindo-a, entre outros)?	☐	☐

Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher usando algum tipo de força física?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher ameaçando magoar-se a si mesmo?	☐	☐
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher ameaçando-a com uma arma?	☐	☐

ECVS

(Martins,
Machado,
Abrunhosa,
& Manita,
2012)

No quadro abaixo encontram-se algumas afirmações sobre violência sexual. O que se pede é que coloque à frente de cada afirmação o seu grau de concordância relativamente a esta. Considerando que não existem respostas corretas nem erradas, solicitamos a maior sinceridade possível.

23. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo completamente	Discordo parcialmente	Não concordo, nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo completamente
Os agressores são, quase sempre, desconhecidos da vítima.	☐	☐	☐	☐	☐
Se uma pessoa já tiver mantido antes relações sexuais com a outra, então não se pode falar de violência sexual.	☐	☐	☐	☐	☐
Só são vítimas de agressões sexuais as pessoas «indecentes».	☐	☐	☐	☐	☐
Só as pessoas que não conseguem arranjar parceiros(as) é que cometem agressões sexuais.	☐	☐	☐	☐	☐
As pessoas dizem que foram vítimas de violência sexual quando se querem vingar de alguém.	☐	☐	☐	☐	☐
Forçar o(a) cônjuge (marido/esposa) a ter relações sexuais não é violação.	☐	☐	☐	☐	☐
Há pessoas que	☐	☐	☐	☐	☐

merecem ser
violadas.

Há um certo
ponto a partir do
qual nenhum
homem/nenhuma
mulher é de ferro.

☐☐☐☐☐

Se não for usada
violência física,
não se pode dizer
que o ato sexual
foi forçado.

☐☐☐☐☐

Quando as
mulheres dizem
não (ao sexo),
muitas vezes,
querem dizer sim.

☐☐☐☐☐

Se uma pessoa
provoca
sexualmente
outra, não se
pode depois
queixar de ter
sido violada.

☐☐☐☐☐

A maioria das
queixas de
violação é falsa
ou exagerada.

☐☐☐☐☐

Se uma pessoa se
expõe (por
exemplo, saindo à
noite sozinha ou
frequentando
locais com má
reputação), a
culpa é sua, se for
vítima de uma
agressão sexual.

☐☐☐☐☐

Muitas queixas de
violação são
inventadas
quando os(as)
companheiros(as)
expressam o
desejo de

☐☐☐☐☐

terminar a
relação.

Os agressores
sexuais, na sua
maioria, são
pessoas com um
aspeto diferente
das outras.

☐☐☐☐☐

ECVS
(Martins,
Machado,
Abrunhosa,
& Manita,
2012)

No quadro abaixo encontram-se algumas afirmações sobre violência sexual. O que se pede é que coloque à frente de cada afirmação o seu grau de concordância relativamente a esta. Considerando que não existem respostas corretas nem erradas, solicitamos a maior sinceridade possível.

24. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo completamente	Discordo parcialmente	Não concordo, nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo completamente
Se uma pessoa não agredir fisicamente nem magoar a outra, então, a agressão sexual é pouco grave	☐	☐	☐	☐	☐
Algumas pessoas têm prazer sexual quando são violadas.	☐	☐	☐	☐	☐
Algumas pessoas têm o desejo secreto de ser violadas e gostariam que tal acontecesse.	☐	☐	☐	☐	☐
Há mulheres que gostam que os homens usem um pouco de força para as convencer a ter sexo.	☐	☐	☐	☐	☐
Muitas queixas de violação são inventadas quando as pessoas se arrependem do que fizeram.	☐	☐	☐	☐	☐
Se uma pessoa violada tiver um comportamento sexual «indecente»,	☐	☐	☐	☐	☐

então, a
agressão
sexual é menos
grave.

Forçar o(a)
namorado(a) a
ter relações
sexuais não é
violação.

☐☐☐☐☐

Uma queixa de
violação feita
dias após o ato,
provavelmente,
não é
verdadeira.

☐☐☐☐☐

Uma pessoa
pressionar a
outra para ter
relações
sexuais pode
ser uma forma
de expressar
amor e
envolvimento.

☐☐☐☐☐

Se uma pessoa
não resistir
fisicamente,
então, não se
pode dizer que
foi vítima de
agressão
sexual.

☐☐☐☐☐

"Quem anda à
chuva molha-
se", quem não
quiser ser
agredido
sexualmente
deve evitar
expor-se ao
risco.

☐☐☐☐☐

Se uma pessoa
é violada
quando está
alcoolizada
e/ou sob efeito
de outras

☐☐☐☐☐

drogas, então,
pelo menos
uma parte da
culpa é dela.

Se uma pessoa
aceita algum
ato de natureza
sexual com
outra (e.g.,
carícias, beijos),
então, isso quer
dizer que ela
aceita ter
relações
sexuais com
essa pessoa.

☐☐☐☐☐

Se uma pessoa
não quiser
mesmo ser
violada, ela
consegue
defender-se.

☐☐☐☐☐

Se uma pessoa
violada já não
era virgem, a
violação é
menos grave.

☐☐☐☐☐